

# Várias mãos, uma cultura

RETRATOS  
da arte popular  
pernambucana

1

# Jaime Nicola





**Várias  
mãos,  
uma  
cultura**

RETRATOS  
da arte popular  
pernambucana

**1**

**Jaime  
Nicola**



Nicola  
23

## apresentação



Arte popular tem história, tem alma. Por onze anos, eu tive, no Recife, a loja Artesan Brasil. De tudo que havia, as viagens de garimpo era o que eu mais gostava de fazer. Passava horas conversando com os artesãos e artesãs, artistas de suas terras, deixando tarefas importantes pra mais tarde. Eles, em geral, gostavam de mostrar cada detalhe da criação, apaixonados pelo que fazem. Isso traz o especial sentido do seu trabalho.

Quem vive essas experiências se encanta com o assunto, e foi pensando em compartilhar essas descobertas que surgiu a idéia do projeto *Várias mãos uma cultura: retratos da arte popular pernambucana*. Durante todo o processo, aconteceram inúmeras trocas, iniciando por Camila Bandeira. Juntas, começamos a tecer o fio para criar a nossa rede de pessoas e histórias. Elas foram chegando, se encantando com o assunto e nosso grupo se formou naturalmente. Fomos conduzidos pela empatia e pelo mesmo propósito de honrar esses ícones do artesanato e da arte popular brasileira.

Esses livros foram criados em um ambiente de afeto e de respeito. Transbordam emoção pelas experiências que vivenciamos. Fomos acolhidos pelos artesãos e envolvidos pelo seu carinho e amor. Meu agradecimento de coração e alma a rede que foi e continua sendo tecida: Camila Bandeira, Julia Almeida, Bruno Albertim, Isabela Cunha, Roberto Miranda e Luciana Calheiros, e aos artesãos que nos receberam em suas casas, de coração aberto. Foi uma linda caminhada que me emociona com o resultado desse registro.

Marly Queiroz



# Nicola: um novo Barroco brasileiro



Foi um raro caso em que a cultura de massas, disseminada pela televisão, acabaria por alimentar, de maneira curiosa, ainda que involuntária, a secular arte sacra brasileira.

José Nicola de Oliveira nasceu em Quipapá, no dia 18 de janeiro de 1959, município da Zona da Mata Sul de Pernambuco, perto da fronteira com Alagoas, lugar que teria tido, entre suas primeiras ocupações, descendentes de africanos saídos do mítico Quilombo dos Palmares, um imenso território não muito longe dali. A área, hoje dentro das fronteiras alagoanas, fazia então parte do território de Pernambuco. Como o maior quilombo da história, uma espécie de república paralela, formada em sua maioria por negros livres e fugidos de cativos, uma rebelião populacional que chegou a ter 20 mil moradores – ou seja, 15% de toda a população do Brasil durante seu tempo de vida (1630-1690). Essas histórias mal eram lembradas na época em que Nicola crescia em Quipapá.

“Ninguém comentava isso, nem em casa, nem na escola, quando era

pequeno, nunca ouvi falar de comunidades quilombolas na cidade. Lembro só que um primo meu foi criado por ama de leite, os pais dele tinham escravos. Uma versão que se conta é que Quipapá é uma tribo africana e também nome de uma bromélia”.

Pais de Nicola, seu Silvino Francisco de Oliveira e dona Iracema Vecchioni de Oliveira, filha de um italiano que não chegou a conhecer o neto, tinham peles claras. Levavam uma rotina relativamente branda. Passavam os dias tomando conta de uma pequena lanchonete inaugurada pela família diante da ampla casa em que moravam, no Centro da Cidade de Quipapá.

Quando Nicola tinha apenas 7 anos de idade, seu pai era já oficialmente aposentado da Great Western, empresa que fez uma curta, porém marcante, história, no hoje inexistente transporte ferroviário no Brasil. Supervisor de linhas, seu Silvino tinha um dos olhos arrancados da face quando um pedaço de picareta se soltou durante os trabalhos de manutenção de um trilho. Afastado precoce e compulsoriamente,



Quando passou a morar no bairro recifense do Pina, Nicola envolvia parentes como o sobrinho Marconi nas atividades de criação.

não gostava, contudo, de ficar parado. Além da lanchonete, vez por outra arrendava também uma gleba de terra onde pudesse plantar algodão, quebrando, timidamente, a predominância da cana de açúcar na paisagem da região.

Entre sanduíches, médias com café, carnês do Instituto Nacional de Seguridade Social – INSS, além de eventuais golpes de enxada na terra, ele pôde, na companhia da mulher, oferecer uma infância relativamente confortável a Nicola e seus cinco irmãos. As crianças

jamais precisaram – como é comum ouvir de vários mestres artesãos saídos de cidades interioranas – trabalhar na infância. Dedicavam-se apenas aos estudos. “Uma vez só, fui ajudar meu pai na roça. Mais por curiosidade. Nunca precisamos começar a trabalhar cedo.”

No período, Nicola guardou lembranças inescapáveis. O pai, por exemplo, antes do jantar, tinha o hábito de tirar o olho falso de vidro do lugar do glóbulo original. Com a prótese ocular na mão, lembrava como havia sido o acidente, a fagulha de ferro subitamente solta no ar,



rodopiando até lhe decepar uma visão. “Ele também guardou o pedaço de ferro da picareta que lhe cegou, e sempre mostrava para que a gente soubesse o que havia feito aquilo com ele”. Os jantares, aliás, se davam sempre muito cedo. “Depois do golpe militar de 1964, eu lembro muito bem de ele juntando a gente dentro de casa. Porque os pelotões passavam na frente de casa, e o Exército determinava toque de recolher.”

A vida em Quipapá seguia em relativa tranquilidade até que um dia, sem maiores explicações, seu Silvino

determinou que dona Iracema arrumasse as coisas. Com os meninos, iriam fazer a viagem de 181 quilômetros sobre os trilhos ligando a Estação de Quipapá até a capital pernambucana num dos vagões da antiga companhia de onde saíra cego e aposentado. “Não sei bem as razões. Mas viemos morar no Recife. Acho que papai queria nos oferecer melhores oportunidades de vida. Morávamos no centro da cidade, não tínhamos problemas financeiros graves, mas acho que eles pensaram em oferecer aos filhos oportunidades



Fotografia em tons esmaecidos de Nicola jovem, sem camisa, visto do peito para cima. Ele é magro, tem pele clara e cabelos castanhos cacheados. Está voltado para uma cabeça masculina esculpida em madeira esbranquiçada. A cabeça é vista de frente até metade do olho à direita. Com a mão esquerda, Nicola segura a cabeça de madeira por trás e, com a direita, cava entre o olho e o nariz usando um formão.



melhores. Antes de eu nascer, ele já tinha vindo morar uma vez no Recife. Não deu certo, e já tinha voltado.”

A família primeiro fixou-se no Barro, bairro da Zona Oeste do Recife, surgido no final do século 19 de um antigo engenho de açúcar, naquele momento de moradias e relações bem horizontais. Mas não exatamente por isso. Com problemas respiratórios constantes, seu Silvino ouviu de um médico o conselho para que fosse viver numa área de ar mais puro. O Barro,

àquele momento, contava ainda com consideráveis resquícios de matas em suas fronteiras. De onde, aliás, alguns poucos artesãos tiravam madeiras de árvores mortas e caídas para realizar pequenos trabalhos.

Ao chegar ao Recife, o pequeno Nicola estava mais interessado em outras narrativas – bem diferentes, aliás, que a de seus possíveis ancestrais quilombolas ou da tradição da arte popular santeira iniciada, no Brasil, ainda no século 17, como uma versão tropical do barroco ibérico com nomes como o famoso Aleijadinho.

Educado em boas escolas para os padrões da classe média, Nicola foi uma típica criança magnetizada pelos primeiros desenhos animados exibidos pela púbere TV brasileira nos anos 1960. Não tirava os olhos daqueles seres coloridos e articulados, chamados, entre outros, de *Josie e as Gatinhas*, *Bam-Bam* e *Pedrita*, *Urso do Cabelo Duro (!)*, *A Família Addams* e *Superamigos*.





Sobre os calungas eletrônicos, além dos olhos, Nicola lançava também as mãos:

“Eu vivia desenhando tudo que via na TV. Na escola, já no Recife, eu fazia desenhos, copiava. Não sei como surgiu isso. Copiava da televisão, os desenhos animados e tudo”,

ele lembra. “Isso foi treinando meu desenho”.

Aos 12 anos, contudo, Nicola fixou os olhos no trabalho de um vizinho em nada parecido com aqueles seres animados. Com madeira disponível o bastante, este conhecido convertia a madeira em objetos utilitários, como pilão e cinzeiros. Nas tábuas, esculpia as cenas e personagens do mundo ao redor: uma região metropolitana do Recife com fortes influências dos ofícios e saberes interioranos. Homens subindo em coqueiros, marisqueiros, vaquejadas, pescadores, feirantes, vendedores de frutas e outros tipos sociais que ajudaram a fixar todo um imaginário do Nordeste – hoje, aliás, mais presentes

nesses arquétipos da cultura que na realidade urbana mais cotidiana.

*Eu comecei vendo uma pessoa que trabalhava com pequenos entalhes, fazia peças de uso no dia a dia com madeira nobre, jacarandá, ou outra, chamada violeta, que vinha da Bahia. Era uma época em que havia madeira disponível. Ele fazia pequenos trabalhos e eu fiquei interessado em entender como é que se fazia aquilo. Eu já sabia desenhar, então, por que não fazer os desenhos direto na madeira? O trabalho daquele vizinho foi uma revelação para mim.*

Nicola também se dedicava a pintar telas, artigos que raramente encontravam compradores. Como todo adolescente interessado no prazer das descobertas, utilizava-se também de outros materiais, como papel e couro, para dar vazão à criatividade. Mas a madeira ia lhe ganhando em dedicação: a produção de paisagens gravadas em pequenas tábuas retangulares, conhecidas como talhas, iam recebendo, marca após marca para dar forma



e volume, a imagem de paisagens da cidade ou da Zona da Mata da Infância. “Lembro que eu fazia sempre uma linha do horizonte muito funda”.

As tábuas vinham das madeireiras localizadas ali perto, na Avenida Recife, uma das principais artérias da região. Franzino, o menino vinha do bairro vizinho de Areias arrastando aquelas pilhas de tábuas.

“Nem descansava, chegava, cortava e já começava a trabalhar”.

No Barro, havia um grupo de jovens artesãos como Nicola. Os meninos se juntavam e iam vender, sobretudo na orla do Recife onde ficava a maior concentração de turistas, suas talhas: coqueiros, catadores de cajus, cajueiros, figuras humanas em vaquejadas ou santas ceias. “Eu não tinha orientação nenhuma. Os outros faziam como hobby, mas eu fazia para ganhar meu dinheiro mesmo. Papai só comprava roupa para gente uma vez por ano. Eu usava aquelas roupas que ele me dava e parecia mais um crente (sic)”,



A paleta da madeira também está presente nas pinturas de motivos religiosos do artista.

lembra ele, na época vivendo de olho gordo nos jeans moderninhos das marcas Lee e Staroup ostentados pelos amigos. “Eu queria só trabalhar para poder ter as minhas coisas”.

Entre os frequentadores da orla, faziam sucesso ali na areia sobretudo as talhas de motivos regionalistas. “Tinha um grupo de artistas no Barro. Eu, muito acanhado, ia me juntando a eles, vendendo junto minhas talhas. Íamos juntos, porque eu tinha vergonha de ir sozinho”. Um dia, um dos meninos foi atropelado por um dos poucos



automóveis cruzando a Avenida Boa Viagem. “Lembro que ele teve que fazer uma operação na barriga. Sobreviveu, mas o grupo ficou traumatizado, não voltou mais para vender. Eu também tive um bloqueio, e parei um tempo.”

Nesse meio tempo, o ar do Barro já não ajudava muito na melhora da saúde cardiorrespiratória de seu Silvino. Havia, nas redondezas, uma fábrica de processamento de óleo. “O ar ficava muito pesado, impregnado com aqueles resíduos”. Seu Silvino morreria aos 57 anos, logo após ter uma crise respiratória,

e não sem antes ter descoberto a razão de seu mal-estar constante. O pai de Nicola tinha um câncer no estômago.

Nicola estava um tanto desnortado com os fatos. Mas sua produção havia já chamado a atenção de uma comerciante de nome Esperança. Dona de uma loja de artesanato chamada Barração, ela passou a encomendar-lhe as peças para vender no ponto comercial instalado no térreo do Hotel Boa Viagem. Era o começo, digamos, da profissionalização do jovem artesão. Com a morte do pai e a necessidade,



**Fotografia atual de Nicola, sentado, voltado para a direita, olhando para um cubo de pedra sabão que está sobre o seu colo. Nicola é calvo, tem barba e cabelos brancos. Usa camisa vinho, calça jeans e óculos. Na lateral direita do cubo, está esculpido o perfil de uma cabeça masculina calva com barba farta. Ao fundo, uma cadeira de couro e de metal.**



ali mais do que antes, de sustentar a si próprio, o artesanato se lhe impunha como meio de vida. Diante do entusiasmo do menino, seu Silvino, bem antes de morrer, havia lhe comprado algumas ferramentas de esculpir na Rua da Praia, via de comércio intenso no centro do Recife.

Aos 17 anos, Nicola tomou uma decisão. Sem ter plena consciência do gesto, decidiu que, a partir dali, iria trabalhar

apenas com madeira. E dela viveria – embora, contrariando a própria expectativa, voltasse ou passasse a trabalhar eventualmente com materiais como pedra calcária, granito, pedra-sabão e até marfim ao longo da vida.

“Não sei bem por quê. Mas naquele momento, eu simplesmente disse: vou viver disso.”

Com a morte do pai, um irmão, também de nome Nicola, volta do Rio de Janeiro, onde trabalhava como publicitário. Com a família reunida, vão todos morar no Pina, mais perto do centro do Recife. A serviço do publicitário Genivaldo di Pace, da Center Produtora, o irmão criava peças publicitárias e arregimentava Nicola para pintar e fazer os desenhos sobre as matrizes em placas de acetato. “Eles também faziam jingles lá, e nessa transição de adolescente para adulto, minha voz estava bem grossa e queriam que eu fizesse um teste para locução, mas isso não vingou. Eu era muito tímido.”





Além de madeira, o artista também utiliza matérias primas como pedra para a execução de suas figuras sacras.

O artesanato já o sustentava. “Morávamos eu, mamãe, minha irmã Fátima, dois filhos dela, papai já falecido, e eu era arrimo de família.”

No ano de 1976, a antiga cadeia de detenção do Recife, no bairro de Santo Antônio, tinha suas 120 celas inauguradas ainda no século passado convertidas em lojas para artesanato e outros produtos regionais. Nascia a Casa da Cultura do Recife e, com ela, a possibilidade de Nicola encontrar um público ainda maior vendendo suas peças no box de um amigo.

Os temas regionalistas ainda predominavam em sua produção. Mas, confiança adquirida com a prática, o artista resolve fazer seu primeiro trabalho religioso. “Sou católico, mas não praticante, embora tenha uma tia que catequizou fervorosamente quatro gerações da nossa família”.

Sem ter plena consciência do gesto, decidiu que, a partir dali, iria imprimir na madeira imagens fortes do repertório cristão brasileiro. Saíam os temas regionais, entravam figuras arquetípicas do catolicismo moreno brasileiro.





Fotografia em área externa. Em detalhe, uma fileira de quatro cabeças masculinas, esculpidas em madeira escura, retratando os apóstolos. Elas estão voltadas para a esquerda. Em primeiro plano, o perfil de um homem. Ele tem nariz reto, olhos pequenos, bigode e barba aparados. As marcas da tacha são evidentes na bochecha e na lateral do nariz. Em segundo plano, destaque para uma cabeça de um homem com o cabelo repartido ao meio, nariz grande e reto, e barba farta arredondada.

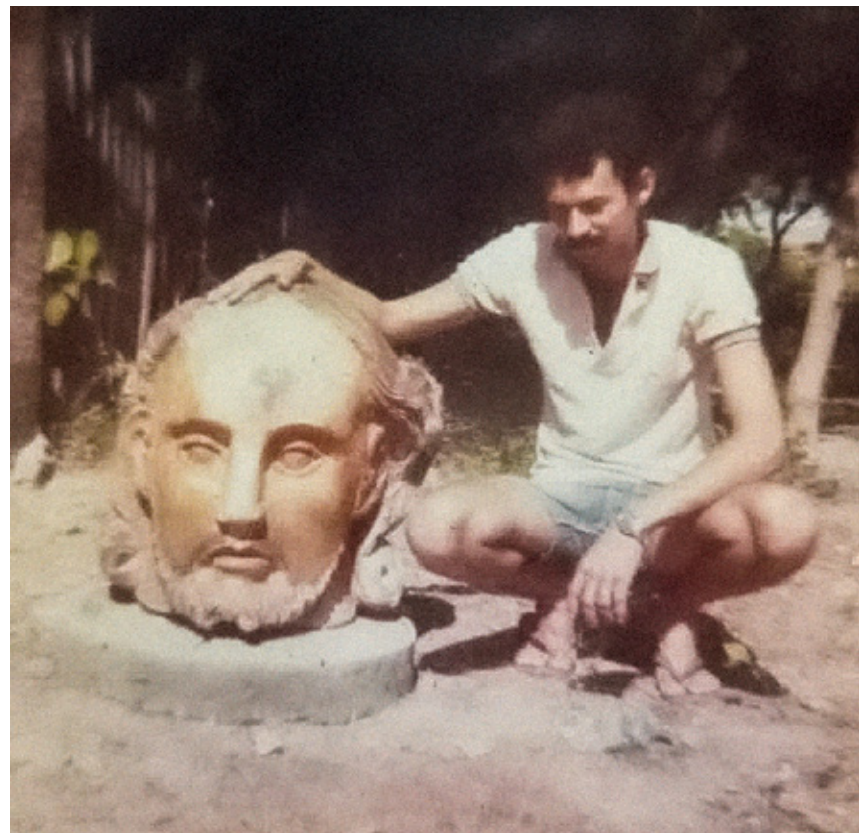


Em 1991 Nicola se tornava capa da Revista Ventura.

Aliás, intencionalmente moreno. Reconhecido como um dos mestres santeiros do Brasil desde as últimas décadas do século 20, Nicola buscava nos rostos da população os traços que acaba por imprimir em figuras de santas ceias, cabeças de Cristo e outros santos. “Eventualmente, claro, visito igrejas, museus, para observar as coisas, entender formas e estilos. Mas não tenho referências em grandes escultores da arte sacra brasileira. Sempre sei já o corte que vou dar. Gosto de ver o rosto das pessoas na rua, rostos diferentes, de observar as fisionomias nas ruas e trazê-las para minhas figuras”, dizia ele. A primeira peça feita nesse sentido, portanto, foi

uma cabeça de Cristo. Pequena, já que o escultor neófito não tinha, então, acesso a grandes toras de madeira.

Auto-confiança crescente, boa receptividade do mercado, Nicola começa a realizar peças maiores, santos de corpo inteiro. Grande incentivadora da arte popular pernambucana, a arquiteta Janete Costa enxerga, contudo, nas grandes cabeças de cristos e santos peças de impacto estético na conciliação entre a prática escultórica popular e os ambientes da decoração de interiores contemporânea. Havia também um ambiente favorável à disseminação do novo artesanato pernambucano, com o governo estadual criando feiras



nas áreas centrais e bairros das principais cidades. Convidado por galerias do Brasil e com o trabalho exposto em revistas especializadas, Nicola se consolida, sobretudo, como o autor de cabeças religiosas de grandes proporções, uma espécie de linguagem épica sobre a madeira rústica, de cristos e santos brasileiros.

Nicola é como o músico que aprende a tocar um instrumento de ouvido. Um escultor auto-formado na observação.

“Acho que nasci para ser autodidata”,

ele ri. Sem planejamento, a própria madeira vai lhe impondo a dança das mãos e instrumentos até a obtenção do entalhe. Suas peças podem ter tamanhos variados. Das que cabem numa palma de mão às grandes, com até um metro ou mais ou centenas de quilos.

Embora não determinante, o gosto do comprador também lhe é estimulante e direcionador: “Ninguém irá comprar uma escultura minha por não gostar, compra porque gosta, porque lhe faz bem, lhe transmite uma coisa boa. Não esqueço de uma senhora que me







contava que, toda vez que via um anjo meu que ela tinha em casa, ficava aliviada da depressão que ela sentia”.

Até as primeiras décadas do século 21, os biotipos populares lhe guiam as formas impressas na madeira. “Tem pessoas que trazem os traços nas narinas e sobrancelhas bem mais marcados, e eu tento reproduzir. Olho nas igrejas, estudo, mas quando eu vejo um sujeito com uma característica facial muito forte, eu tento retratar”, ele discorre. De grande dramaticidade nos movimentos, crânios proeminentes, barbas e cabelos marcados por ondulações geométricas de volumetria intensa, Nicola gosta, sempre, de manter os rostos de suas figuras com queixos e narizes pontudos, angulares. Não gosta de arredondá-los. Não tenta aproximar as feições em direção aos antigos quilombolas que fundaram sua Quipapá natal.

“Embora hoje se reconheça que Cristo possa ter tido uma cara mais próxima de africanos ou asiáticos por seu local de origem, a imagem que se cristalizou no nosso inconsciente ocidental foi essa construída na Europa a partir do Renascimento. É uma imagem muito forte, e é difícil mudar isso”, diz ele, modesto em relação à percepção do próprio ofício. “Não me considero um mestre. Mestre é apenas aquele que tem um mestrado. Para mim, faltam ainda muitas horas de aprendizado. Na verdade, não sei como me classificar”.



Fotografia colorida de uma cabeça de madeira deitada, de lado, sobre uma superfície escura, salpicada de serragem. A cabeça é de um jovem com boné, cuja aba é pequena e circular. Ele tem cabelo curto, bem aparado, que deixa toda a orelha à mostra. O nariz, aparentemente inacabado, é muito longo e fino, uma representação de Pinóquio. As marcas da talha são aparentes na peça.



Nicola trabalha e vive no mesmo espaço, uma casa ateliê no bairro de Barra de Jangada, em Jaboatão dos Guararapes.



Handwritten text on a wooden plank, possibly a list or inventory:

- 13/1
- 12/2
- 11/3
- 10/4
- 9/5
- 8/6
- 7/7
- 6/8
- 5/9
- 4/10
- 3/11
- 2/12
- 1/13

TÍTULO *Várias mãos, uma cultura:*  
*retratos da arte popular pernambucana*  
Volume 1 – Jaime Nicola

IDIOMA Português

CIDADE Recife

FORMATO digital

PÁGINAS 40

EDIÇÃO 1ª

ANO DE EDIÇÃO 2024

ISBN 978-85-60411-24-5

Idealização e curadoria  
Marly Queiroz

Produção executiva  
Camila Bandeira e Júlia Almeida  
(Proa Cultural)

Textos  
Bruno Albertim

Audiodescrição  
Liliana Tavares (Com Acessibilidade)

Fotografia  
Isabela Cunha

Projeto gráfico  
Luciana Calheiros e Aurélio Velho  
(Zoludesign)

Tratamento de imagem  
Aurélio Velho (Zoludesign)

Este fascículo faz parte da coleção *Várias Mãos, uma cultura: retratos da arte popular pernambucana*, foi diagramado entre outubro de 2023 e janeiro de 2024. A fonte utilizada para os títulos é a TT Travels Next, desenvolvida por Kseniya Karataeva e Yulia Gonina, distribuída pela TypeType; para os textos, utilizou-se a Tablet Gothic Wide, projetada por José Scaglione e Veronika Burian, disponibilizada pela TypeTogether.

APOIO



PRODUÇÃO EXECUTIVA



INCENTIVO



Secretaria  
de Cultura



